

## DILA EDITOR POPULAR

**RESUMO** - Os folhetos da literatura de cordel têm sido quase sempre impressos em gráficas artesanais, de propriedade de poetas-poetas-editores, que editam não só os seus próprios versos, como também folhetos de outros poetas, além de imprimir - sob encomenda - folhetos próprios e de terceiros. Tal procedimento ensejou o surgimento das hoje decadentes ou extintas editoras populares (folheterias). As condições técnicas das pequenas gráficas condicionaram o padrão gráfico do folheto, tanto no formato como na composição tipográfica e na capa, interferindo na apresentação material e na forma poética. A xilogravura popular nordestina é produto dessas circunstâncias e condições. Exímio xilógrafo e inventor, Dila desenvolveu a impressão popular a cores, com várias alternativas (folk-off-set), produziu folhetos ilustrados e álbuns populares e re-inventou o tipo-fixo.

### Introdução

Os folhetos da Literatura de Cordel têm sido quase sempre impressos em gráficas artesanais<sup>1</sup>, de propriedade de poetas populares (poetas-editores) que editam não só os seus próprios versos, como também folhetos de outros poetas, além de imprimir - sob encomenda - folhetos próprios e de terceiros.

Tal procedimento ensejou o surgimento das hoje decadentes ou extintas editoras populares (folheterias), entre as quais se destacaram as folheterias de João Martins de Athayde e João José da Silva (Recife-PE), José Bernardo da Silva (Juazeiro do Norte-CE) e de Manoel Camilo (Campina Grande-PB). Estas gráficas sempre imprimiram, também, almanaques populares - quase sempre de autoria dos próprios poetas - orações e benditos e rótulos de produtos populares como bebidas e remédios. As condições técnicas das pequenas gráficas condicionaram o padrão gráfico do folheto, tanto no formato como na composição tipográfica e na capa, interferindo na apresentação material e na forma poética.

A xilogravura popular nordestina é produto dessas circunstâncias e condições.

A xilogravura, hoje tão associada aos folhetos de cordel<sup>2</sup>, parece ter sido introduzida no Brasil juntamente com a arte tipográfica, como testemunham exemplares de velhos jornais e outras publicações, como os romances da Imperatriz Porcina e a Princesa Magalona.

Tratando da origem da xilogravura popular Orlando Costa Ferreira diz:

*"Pode-se supor, por exemplo, a existência de uma fase em que coexistiram, estreitamente ligados, isto é, compostos e impressos pelas mesmas mãos, folhetos populares com capa não ilustrada e pequenos jornais de caráter político e nível mais ou menos popular com ilustrações no cabeçalho. Pode-se dizer que são abundantes as*

<sup>1</sup> Desde as primeiras publicações, também foram utilizadas gráficas industriais de jornais e gráficas populares - de caráter também industrial - que se converteram em folheterias de cordel, como a Guajarina, do Pará, a Livraria e Tipografia Baiana, de Salvador e Editora Prelúdio de São Paulo, que depois veio a se chamar Luzeiro.

<sup>2</sup> Ao contrário do que afirmam alguns pesquisadores mais apressados, os mais antigos folhetos de cordel existentes em coleções não tinham xilogravuras como ilustração de suas capas. As capas apresentavam composição tipográfica simples, apenas com letras ou com letras e pequenas figuras de vinhetas tipográficas, quase todos teriam sido impressos em gráficas comerciais de jornais diários do Recife. As xilogravuras começam a aparecer nos folhetos de cordel quando estes passam a ser impressos em gráficas menores, situadas fora do Recife, algumas já de propriedade dos próprios poetas.

*referências à preparação de pequenas gravuras em madeira dentro de oficinas tipográficas e mesmo litográficas".<sup>3</sup>*

Até ser descoberta por pesquisadores e críticos de arte, a xilogravura foi produzida pelo povo apenas para ilustração (substitutiva de processos tecnológicos não-disponíveis) de capas de folhetos de cordel, orações e benditos e em rótulos de produtos populares, além de letras de titulação e ilustração dos pequenos jornais.

A técnica da gravura em madeira acompanhou a difusão da tipografia através das pequenas oficinas, que foram se estabelecendo nas capitais provinciais e nas cidades importantes do interior, onde também se iniciava a edição de pequenos jornais de circulação local de caráter político e literário. A renovação tecnológica dos processos gráficos não alcançou as pequenas oficinas. Em relação à ilustração os pequenos ateliers interioranos tiveram que optar entre encomendas às clichérias das capitais ou continuar a utilizar a xilogravura produzida no local. Assim, a necessidade levou os gráficos a desenvolver a técnica da xilogravura, que o gênio popular fez arte.

Com Jota Borges (em Bezeros-PE), Olegário Fernandes da Silva (em Caruaru-PE), Dila é um dos continuadores desta tradição.

DILA, poeta-editor e xilógrafo - que tem se assinado como José Soares da Silva, José Cavalcanti e Ferreira e outros nomes - mantém-se ativo em seu atelier de Caruaru e tem um papel fundamental no processo gráfico-editorial da literatura de cordel. Exímio xilógrafo e inventor, desenvolveu a impressão popular a cores, com várias alternativas (folk-off-set), produziu folhetos ilustrados e álbuns populares e re-inventou o tipo-fixo.

### **A invenção do homem**

A biografia de Dila integra a sua criação poética. De acordo com os documentos chama-se José Soares da Silva, teria nascido em Bom Jardim (PE), em u em 1937, mas em seus documentos consta que é natural de Caruaru-PE. Há mais de trinta anos mora, com a mesma mulher e filhos, no mesmo endereço: "atrás da fábrica de caroá" (hoje Centro Cultural Tancredo Neves) em Caruaru-PE. Neste período tem vivido exclusivamente do seu trabalho no ramo das artes gráficas: gravura, carimbo, edição de seus poemas em folhetos de cordel, orações e benditos, e impressão para terceiros de folhetos de cordel, canções e outros.

Nos folhetos mais antigos figura o nome de registro José Soares da Silva. Depois, passou a assinar José Cavalcanti e Ferreira e, mais recentemente, passou a incluir referências à sua

<sup>3</sup> Orlando da Costa Ferreira. *Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo, Melhoramentos, EDUSP, 1977. p. 121-122.

"origem holandesa": Saboia<sup>4</sup> e a publicar nos álbuns e últimas capas informações sobre a sua genealogia, na qual não faltam, obviamente, os cangaceiros que freqüentam a sua casa e a sua ficção. Nunca abandonou o apelido Dila.

O mistério faz parte da sua biografia: antes de se estabelecer em Caruaru, teria sido ele também um cangaceiro do bando de Lampião, ou talvez o próprio Lampião.<sup>5</sup> Os muitos autorretratos em trajes de cangaceiro, que ilustram folhetos de Lampião e de outros personagens de sua ficção, são testemunhas desta identificação entre criador e personagem. Por isso nunca esclarece como se iniciou no ofício, nem informa a data em que começou a fazer poesia e gravuras. No começo dos anos setenta já era um poeta e gravador consagrado. Respeitado pelos outros poetas que lhe encomendavam a impressão de folhetos ilustrados com xilogravuras de sua autoria, ou apenas encomendavam a xilogravura para impressão em outras tipografias. Motivo de reportagens em jornais e revistas, onde seu imaginário do cangaço transbordava de poemas e de gravuras do cotidiano do tempo presente, intrigando e confundindo a lógica cartesiana da objetividade jornalística. Mestre da gravura popular requisitado por *marchands* e colecionadores do País e do Exterior.

Sem chegar a constituir o galego nordestino, Dila é branco de olhos claros, gordo e já agora calvo. Por vários anos teve uma ferida na perna, que tratou com ervas, segundo ele, resultado de um ferimento a bala envenenada, "*de outros tempos...*" Após uma viagem ao Rio de São Saruê (a convite de Umberto Pelegrini) onde fez inúmeras gravuras, teve um problema psicopatológico que determinou um internamento em casa de saúde, na própria Caruaru. Vários de seus amigos procuraram os médicos para informá-los da importância do artista. Temiam que se repetisse o caso de Vitalino<sup>6</sup>, ou pior - que os psiquiatras "apertassem demais os parafusos" do poeta em busca de atingir uma racionalidade padrão do homem comum. O artista sobreviveu e se recuperou rapidamente.

Quando a Universidade Federal Rural de Pernambuco preparou a sua grande exposição, na Galeria Metropolitana de Arte do Recife, Dila vivia um período de depressão, resultante de uma acentuada perda de visão. Usava óculos comprados na feira de Caruaru e nunca havia consultado um médico. É desse período uma série de gravuras da linha branca, com predominância do chapado preto. Uma consulta a um dos tradicionais oftalmologistas do Recife, o Dr. Jaime Figueiredo, devolveu-lhe a visão, em óculos de lentes mais fortes, e a alegria de viver e de criar.

<sup>4</sup> Saboia, além de nome de família do Nordeste do Brasil, é topônimo de região da França mediterrânea e norte da Itália. É também denominação da Casa Real da Itália, deposta e proscrita ao final da 2ª Guerra Mundial.

<sup>5</sup> Virgulino Ferreira, conhecido como Lampião, foi morto em Angicos-SE, em 28 de julho de 1938, juntamente com a maioria de seus cangaceiros.

<sup>6</sup> Mestre Vitalino, ceramista de Caruaru, um dos mais importantes artistas populares do Brasil, morreu de varíola, sem atendimento médico.

A xilogravura foi produzida pelos artistas populares como técnica de ilustração (substituta de processos tecnológicos não-disponíveis) em capas de folhetos de cordel, em orações e benditos e em rótulos de produtos populares, especialmente bebidas e remédios.

Este foi o caminho de Dila. Estabelecendo-se em Caruaru-PE, no ramo gráfico, com a Art Gráfica São José, conhecida também como Gráfica Sabaó. Como xilógrafo ilustrou dezenas de folhetos seus e de outros poetas, gravou e imprimiu rótulos de bebidas e remédios antes de ser "descoberto" por jornalistas, pesquisadores, artistas plásticos, colecionadores e *marchands*. Passou então a atender a este novo mercado: cortou centenas de matrizes em madeira, tanto para *marchands* e colecionadores, como para ilustrar livros de poetas eruditos, contistas, reportagens sobre arte popular, cartazes etc.. Seu talento criador não se rendeu à comercialização fácil e estereotipada de sua arte. Durante e após a experiência com *marchands* continuou o seu trabalho independente na sua gráfica, atendendo à freguesia tradicional, fabricando rótulos, carimbos, benditos e folhetos, sempre no mesmo endereço: "*atrás da fábrica de caroã*".

A partir da fabricação de carimbos, introduziu a borracha como matéria prima, em substituição à madeira, obtendo resultados semelhantes à impressão off-set - um folk-off-set sem recorrer a sofisticados processos químicos. Voltado sempre para a experimentação, passou a imprimir capas de folhetos e álbuns em cores, utilizando uma única matriz, entintada manualmente a duas cores, ou várias matrizes. A sua criação plástica espontânea continua vinculada à temática de sua preferência - o cangaço, sobre a qual tem editado um grande número de folhetos.

### **Descoberta da cor**

Orlando Costa Ferreira, em sua minuciosa pesquisa sobre a técnica da gravura no Brasil (1975), após compulsar diversas coleções particulares e oficiais, entre as quais a do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (repositório de gravuras populares nordestinas) e as Seções de Obras Raras e Iconografia da Biblioteca Nacional, afirma quanto aos xilógrafos populares que "*também não consta tenham jamais recorrido à cor, esse poderoso meio de expressão do espírito popular*".

As fontes disponíveis, para aquele autor, estavam porém defasadas. Desde o início da década de setenta, Dila já imprimia gravuras a cores. A primeira edição do Rasto das Histórias, com a capa em azul, vermelho e amarelo sobre fundo branco (com alguns vazados e a palavra "Lampião" em linha branca) é de 1973. A Baqagem do Nordeste, com a capa em preto, vermelho e amarelo sobre fundo branco, é de 1974.

A introdução da cor na gravura de Dila deveu-se à necessidade de concorrer na confecção de produtos populares com os processos litográfico e off-set de gráficas comerciais, de



**A imagem acima mostra a capa do folheto RESTIAS DO CANGACEIRO e comprova a atividade do candidato como poeta e como xilogravurista desde 06 de outubro de 1981, portanto, há mais de vinte anos.**



## VIVER DO CANGACEIRO

ARTFOLHETO SÃO JOSÉ  
José Cavalcanti e Ferreira Dila  
Folhetos do Autor em Grosso e Varejo  
Telha Xilogravura Carimbos ETC.  
Rua Antônio Sáti 36-B. Riachão  
Cep. 55100—Caruaru-PE.

VIVER DO CANGACEIRO-1ª Edição  
1000 Exemplares em 17/12/75

## PREFÁCIO

O Livreto «Viver do Cangaceiro» de autoria de José Cavalcanti e Ferreira Dila fala um pouco na vida de cada Cangaceiro lembrados em suas histórias este é o 34 Livreto de seu estilo neste gênero de contos históricos do z bravos Nordestinos, sendo 52 de Xilogravuras ou Quadrinhos 32 escritos, todos eles como temas «Lampião» Padre Cicero, Conselheiro Antônio Silvino, Cascavel, Antônio Felix e muitos outros famosos.

999. ILDA FERREIRA GOMES

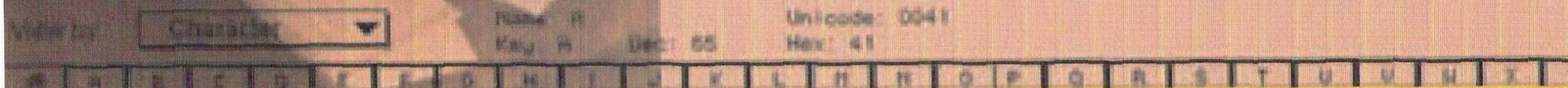
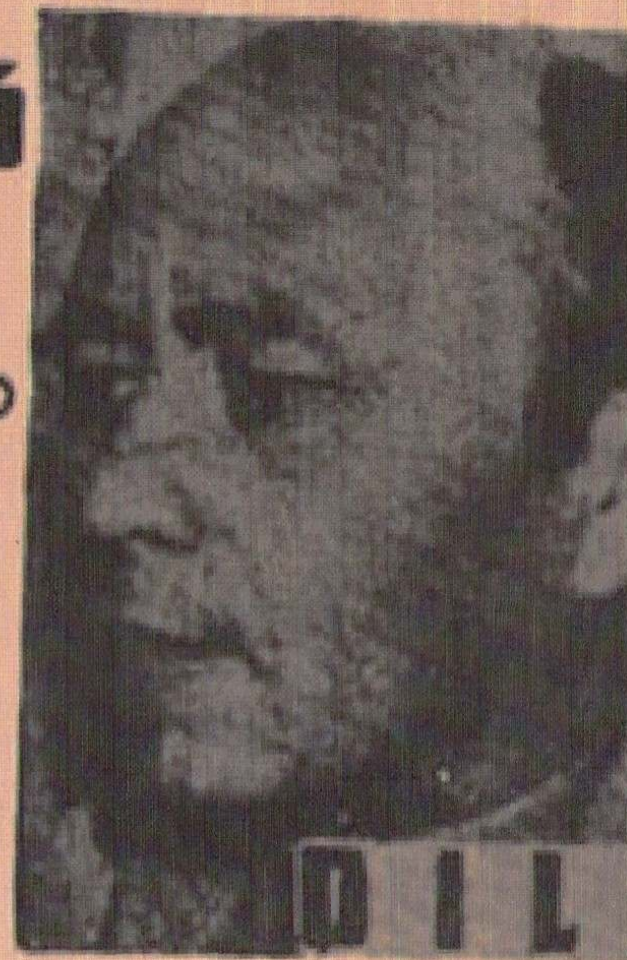
**imagem acima mostra a capa do folheto VIVER DO CANGACEIRO e comprova a atividade do candidato como poeta e como xilogravurista desde 17 de dezembro de 1975, portanto, há mais de vinte anos.**

AUTOR: Henrique Sabaó Sabaó DILA

# Gráfica Sabaó

à Folhetaria São José  
Rua Antonio Satú 36  
Bairro Riachão - Cep 55100  
Caruaru — Pe.

CORDEL Folheto vendido  
Pendurado em cordão  
Pesquisadores e Turistas  
A ti faz louvação.



DILA Um gênio da Xilogravura



DILA Um gênio da Xilogravura

Seu Dila é um ser, daqueles cheios de histórias para contar. Daqueles que te recebem com um largo sorriso. Daqueles que não existem mais. Este é ele. Ele e sua família. Diz que é irmão de Lampião e amante da última Maria Bonita. São as histórias que conta para qualquer pessoa que queira ouvir. Esta é a sua casinha. Nela, além dele, moram a sua esposa, seus cordéis, sua chapas e uma máquina de tipografia herdada do pai.



DILA Um gênio da Xilogravura

*Seu Dila é um ser, daqueles cheios de histórias para contar. Daqueles que te recebem com um largo sorriso. Daqueles que não existem mais. Este é ele. Ele e sua família. Diz que é irmão de Lampião e amante da última Maria Bonita. São as histórias que conta para qualquer pessoa que queira ouvir. Esta é a sua casinha. Nela, além dele, moram a sua esposa, seus cordéis, sua chapas e uma máquina de tipografia herdada do pai.*

# Horizontes da Cultura Popular



CONFERE COM A ORIGINAL

20, 07, 05

José Mário Austragesilo  
Coordenador do RPV

E ligam-se a um tempo pré-histórico. Os animais (bois, touros, cães) e os instrumentos (faca, facão, quicé, lâminas) trazem a marca da gravura primitiva.

O professor Roberto Benaamin (3), na comunicação apresentada no IX Encontro nacional e Pós-Graduação em Letras e Linguística, com o título Em torno do texto - aparatos dos livros populares Dila editor popular, chama-nos a atenção para algumas técnicas empregadas pelo xilógrafo que o tornam um artista singular. Dentre as técnicas inovadoras, Benjamin destaca a introdução da borracha como matéria-prima em substituição à madeira. Sem recorrer a sofisticados processos químicos, Dila obtém resultados semelhantes à impressão "off-set". Daí Benjamin denominá-la "folk-off-set". Outra técnica utilizada por Dila na produção de xilogravuras é a impressão das capas de folhetos e álbuns em cores. Benjamin atribui esse recurso à aceitação popular dos folhetos editados pela Luzeiro de São Paulo com capas em policromias industriais. Dila procurou competir com a Luzeiro, oferecendo aos leitores capas também coloridas.

Em Guriatã: um cordel para menino, Dila não utilizou o recurso das cores. A xilogravura impressa em quase todas as páginas do livro segue o caminho tradicional (preto e branco). O poeta da mão procurou traduzir plasticamente a linguagem verbal. Accioly vai descrevendo paisagens, animais, mitos populares e Dila vai procurando dar "sopro de vida" a esses seres que povoam a mata-norte de Pernambuco. Podemos dizer, portanto, que houve uma feliz união entre os poemas de Marcus Accioly e a xilogravura primitiva do poeta da mão.

## NOTAS

1. O professor e pesquisador de literatura popular, Roberto Emerson Câmara Benjamin, apresentou no IX Encontro Nacional da ANPOLL (Caxambu, 1994), a comunicação que traz informações sobre a arte da xilogravura do artista Dila.

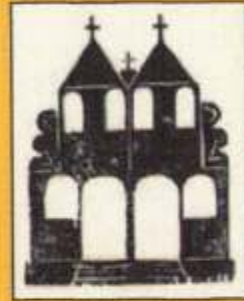
Cf: BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. Em torno do texto: aparatos dos livros populares- Dila editor popular. Caxambu: ANPOLL, 1994.

2. O ensaio de Bachelard se encontra no livro O Direito de Sonhar.

Cf: BACHELARD, Gaston. Matéria e Mão. In: O Direito de Sonhar.( Trad. José Américo Motta Pessanha.../et.al/ 4 ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 1994.

3. BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. Comunicação cit.,vvvvvv





DILA Um gênio da Xilogravura

"Qual o seu signo? Então toma aqui a chapa que fiz para capricórnio". Ele quer dar tudo. "Pra você divulgar o trabalho lá no Rio". As histórias que escreve vem do dia a dia. Do que viveu, do que contam para ele, do noticiário na tv. Escreve e manda vender na feira de caruaru. Afinal: "De tudo o que há no mundo, nela tem pra vender". Da cidade não sai: "Meu povo não vá se embora, pela Itapemirim. Pois mesmo perto do fim, nosso sertão tem melhora. O céu tá calado agora, mas vai dar cada trovão, ..."

Xilogravuras são ilustrações populares obtidas por gravuras talhadas em madeira, muito difundidas no Nordeste e sempre associadas à Literatura de Cordel, uma vez que a partir do final do Século XIX passaram a ser utilizadas na produção de capas dos folhetos.

Anteriormente, a xilogravura tinha uso considerado "menos nobre", como a confecção de rótulos de garrafas de cachaça e outros produtos. Sua grande popularidade veio com o Cordel.

A origem da xilogravura nordestina até hoje é ignorada. Acredita-se que os missionários portugueses tenham ensinado sua técnica aos brasilíndios, como uma atividade extra-catequese, partindo do princípio religioso que defende a necessidade de ocupar as mãos para que a mente não fique livre, sujeita aos maus pensamentos, ao pecado.

Dentre os grandes nomes da xilogravura nordestina, temos **Dila - José Soares da Silva**.

Dila nasceu na Fazenda Cabeça de Negro, Surubim/PE, em 17/09/1937.

Realizou seu primeiro trabalho aos sete anos de idade, em 1944: uma xilogravura para ilustrar um folheto de Cordel do poeta Francisco Sales Areda.

Em 1953, passou a residir em Caruaru, PE, onde instalou uma rústica oficina gráfica para imprimir os seus folhetos. É um dos mais respeitados xilogravuristas do Nordeste brasileiro, trabalhando sua arte com lâmina de barbear em pedaços de madeira umburana ou linóleo.

Os temas preferidos de seus folhetos são os milagres do Padre Cícero e as aventuras do cangaceiro Lampião de quem se diz irmão. Não gosta dos chamados folhetos de épocas (narrando fatos ocorridos no dia-a-dia da comunidade) e seu poder de imaginação leva a fantasias do tipo de que Lampião continua vivo, escondido numa fazenda do interior pernambucano, e de que ele próprio é irmão do Papa João Paulo II.

Até hoje, mantém em Caruaru a "Artfolheto São José", rústica oficina gráfica, integrada por duas impressoras manuais e uma caixa de tipos, onde, além dos seus folhetos, atende encomendas de carimbos para casas comerciais e cartórios e faz rótulos para pequenos fabricos de aguardente, vinagres, doces e outros produtos.

É um dos poucos poetas populares que, além da madeira, utiliza a borracha para talhar suas xilogravuras. Sua casa em Caruaru, além de seu local de trabalho, transformou-se num ponto de atração turística da cidade.





DILA Umgênio da Xilogravura

De onde tirou seu estilo? Não sabe! Não tem método algum. As coisas saem - diz. Pega muita coisa da biografia de Lampião. Na verdade ele não quer falar muito de xilogravura não, quer contar as histórias que viveu ao lado do bando. Em tom de segredo conta que o bando nunca matou ninguém. Não havia violência. Fala cochichando, como se susurrando um baú que se abre. Segredo.





Av. de ...

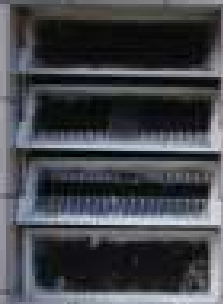
# Mestre Dila

Coordenador de Miligrafinha

Realização de Palestras  
Oficinas de Xilogravuras  
Confecção de Cordões



36



Arelle do

# Mestre Dila



Cordelista e Xilógrafo

Realização de Palestras

Oficinas de Xilogravuras

Confecção de Cordéis



Ateliê do

# Mestre Dila



Cordelista e Xilógrafo

Realização de Palestras

Oficinas de Xilogravuras

Confecção de Cordéis











**Título:**

Caruaru foi  
Caruara

**Tamanho:**

9,0cm. X 9,5cm.

**Materiais:**

Borracha,  
Madeira, Cola e  
Tinta para  
impressão.

**Título:**

Sonhos e Signos

**Tamanho:**

9,0cm. X 9,5cm.

**Materiais:**

Borracha,  
Madeira, Cola e  
Tinta para  
impressão.

turistas ao retornarem a seu Atelier procuram outros autores e quando não encontram dizem, “deste, nós já temos e não queremos mais”. Sendo assim pensou o artista, “mudando o nome do autor continuarei vendendo, se não fizer assim me acabo”. Hoje sua xilogravura para turistas tem como autor o nome de seu avô Kirbaano Sabóia. E assim torna-se autor de vários autores. Talvez seja essa uma das leis de sobrevivência do artista popular. Descobrir caminhos e mecanismos para a comercialização de sua produção.

Observando o universo dos artesãos do Alto do Moura nota-se que Zé Galego, como é conhecido, tem um trabalho diferenciado e que poucos percebem, esse é um dos motivos pelo qual realizaremos esta pesquisa, em contra ponto ao artista popular (DILA). A relevância de seu trabalho de natureza **Utilitária e Decorativa** é devido a produção em grandes quantidades e pelo tamanho das peças. O que aprendeu com seu pai que fazia um artesanato utilitário de uso doméstico, com passar do tempo, foi se modificando para acompanhar as exigências do mercado contemporâneo, hoje seu artesanato apresenta outros resultados, dando maiores e melhores lucros, a exemplo dos belos conjuntos vitrificados para feijoada que são vendidos para os melhores bares e restaurantes das grandes cidades e capitais, entre elas Caruaru/PE., Campina Grande/PB., Recife/PE., Maceió/AL., e Salvador/BA. Seu trabalho é repassado aos filhos naturalmente, à medida que todos trabalham em seu Atelier, localizado no Alto do Moura, onde podemos encontrar também uma das maiores lojas da localidade com vendas em varejo e no atacado de toda sua produção artesanal.



## **DILA – (Xilógrafo e Artista Popular)**

### **Dados biográficos:**

**José Soares da Silva** – (DILA), nascido em 23 de setembro de 1937, na cidade de Pirauá, estado da Paraíba, filho de Domingos Soares da Silva e Josefa Maria da Silva, criou-se em Bom Jardim estado de Pernambuco. Mudou-se para Caruaru/PE., no ano de 1952. Em 17 de fevereiro de 1966, casou com Valdecila Leopoldina Soares nascida, em Lagoa dos Gatos/PE., Dona Valdecila como é chamada, nasceu em 21 de abril de 1940, portanto 03 anos mais nova. Pai de seis filhos, sendo quatro homens e duas mulheres. Chegando a Caruaru, foi logo montando seu Atelier no 1º andar de sua residência, medindo 2.20cm. x 7.00m., onde trabalha na produção de sua arte, a xilogravura e literatura de cordel. Iniciou seu trabalho como xilógrafo em 1942, no sítio Cumaru, onde nasceu. É aposentado desde 1981 por invalidez, devido a sua pressão arterial ser muito alta. Dila reside no mesmo endereço a rua Antônio Satu, nº 36 - Bairro do Rachão - Centro.

### **Depoimento do Artista:**

“Trabalho por vocação. Até 1952 trabalhei na roça e a partir de 1957 comecei a trabalhar nas feiras, cantando os folhetos das oito horas da manhã às cinco horas da tarde para os matutos que tinham dinheiro, porque no campo cultivavam algodão. Com

o passar do tempo, a atividade de plantar algodão acabou e o povo ficou sem dinheiro, não comprava mais, passei a fazer e vender em casa. Eu já estava conhecido da feira. Hoje o comércio está muito ruim, só quem compra é estudante para fazer trabalhos e turistas que visitam ou encomendam de vez em quando. Recebo visitas da cidade de 15 em 15 dias e de outras cidades uma vez por mês, já os turistas aparecem no São João e durante a Semana Santa. É assim. Obrigado!”



**Técnica utilizada:**

Artesanal, utilizando estilete e buril.



**Origem do trabalho (influência e descobertas):**

Sua inspiração, foram os Folhetos de Cordel. Observando as capas, ele passou a desenhar e em seguida fazer a Xilogravura na madeira para a capas de seus próprios folhetos e de outros autores que eram cantados e vendidos nas feiras livres, principalmente em Caruaru. Aqui na cidade passou a fazer em lameira de caminhão,



**Título:**  
Luiz Gonzaga  
**Dimensão:**  
20cm. X 15cm.  
**Materiais:**  
Borracha, Madeira  
e Tinta para  
impressão.



**Título:**  
Lampião e Maria  
Bonita  
**Tamanho:**  
9,5cm. X 9,0cm.  
**Materiais:**  
Borracha, Madeira e  
Tinta impressão.



**Título:**  
Coronel João  
Bezerra da Silva  
**Tamanho:**  
9,2cm. x 8,9cm.  
**Materiais:**  
Borracha,  
Madeira, Cola e  
Tinta para  
impressão.



**Título:**

Antônio Ferreira  
(irmão de  
Lampião)

**Tamanho:**

9,0cm. X 9,5cm.

**Materiais:**

Borracha,  
Madeira, Cola e  
Tinta para  
impressão.



**Título:**

Cangaceiro Gato  
e Inacinha

**Tamanho:**

9,0cm. X 9,5cm.

**Materiais:**

Borracha,  
Madeira, Cola e  
Tinta para  
impressão.



**Título:**  
Lampião e o  
Tenente Teofanes  
**Tamanho:**  
9,0cm. X 9,5cm.  
**Materiais:**  
Borracha, Madeira,  
Cola e Tinta para  
impressão.



**Título:**  
Sanhaçu e  
Belzebu  
**Tamanho:**  
9,0cm. X 9,5cm.  
**Materiais:**  
Borracha,  
Madeira, Cola e  
Tinta para  
impressão.

**Título:**

Cangaceiro  
cascavel

**Tamanho:**

9,0cm. X 9,5cm.

**Materiais:**

Borracha,  
Madeira, Cola e  
Tinta para  
impressão.

**Título:**

Sonhos e Signos

**Tamanho:**

9,0cm. X 9,5cm.

**Materiais:**

Borracha,  
Madeira, Cola e  
Tinta para  
impressão.

